Arte & Ensaios
vol. 31, n. 49,
jan.-jun. 2025



# O lugar dos vínculos: a biblioteca como espaço da mediação em arte

*The place of relationships: the library as a space for art mediation*

Fernanda Grigolin Moraes
0000-0003-4305-6912
livreto@fernandagrigolin.com

Resumo

A construção da mediação como prática artística é uma atividade educativa de encontro coletivo. As bibliotecas, além de organismos em expansão, são espaços sociais de construção de saberes entre as mais diversas pessoas. O objetivo deste artigo foi compreender a mediação cultural em bibliotecas como prática artística e o papel do artista como bibliotecário. Os métodos utilizados foram levantamentos bibliográficos e relato de uma experiência vivida na construção do espaço de mediação em uma biblioteca que existiu no bairro do Ipiranga, São Paulo, entre 2022 e 2024, e foi parte de uma experiência acadêmica de pós-doutorado.

Palavras-chave

Biblioteca. Mediação cultural.
Arte-educação. Arte Contemporânea.

*Abstract*

*The mediation as an artistic practice is an educational practice of collective encounter. Libraries are growing organizations and are social spaces for building knowledge among the most diverse people. The aim of this article was to understand cultural mediation in libraries as an artistic practice and the role of the artist as librarian. The methods used were bibliographical surveys and a report of an experience lived in the construction of the space for mediation in a library that existed in the Ipiranga neighborhood, São Paulo, between 2022 and 2024, and was part of a post-doctoral academic experience.*

*Keywords*

*Library. Cultural mediation.*
*Art education. Contemporary art.*

PPGAV/EBA/UFRJ
Rio de Janeiro, Brasil
ISSN: 2448-3338
DOI: 10.60001/ae.n49.9

## Introdução

Ao longo de dois anos, entre 2022 e 2024, a Biblioteca Juana Rouco Buela,[1] no bairro do Ipiranga, zona Sudeste de São Paulo, ocupou a sala central de um espaço autônomo de arte, denominado Ateliê Folleta.[2] A biblioteca abrigava por volta de cinco mil volumes, entre publicações, livros, cartazes e materiais feministas e de artes com foco na América Latina, e era ela a grande ativadora da casa. O lugar recebeu cursos, como o referenciado em bibliotecas feministas; atividades, como a centrada no Ipiranga de 1917, realizada no marco da jornada do patrimônio; lançamentos de livros, como o da coleção de mulheres revolucionárias Charlas y Luchas. O espaço também era ponto de encontro para saídas de caminhadas pelo bairro do Ipiranga, a fim de conhecer sua geografia: a parte baixa, de ocupação operária e fabril, e a parte alta, onde estão o Museu do Ipiranga e os casarões construídos pelos antigos proprietários das fábricas: a família Jafet.

O Ateliê Folleta foi resultado prático do meu pós-doutorado em Cultura Contemporânea, realizado junto ao PACC-Letras/UFRJ. Eu havia decidido, após dois anos de pandemia, compreender a relação da pesquisa com a minha prática publicadora e a coleção feminista a que eu me dedico há tantos anos. Qual seria o lugar da pessoa artista que pesquisa? Como seria transformar a biblioteca no cerne de uma pesquisa em arte? Essas são duas das questões que encaminham o processo ativo e responsável que realizei. E uma das potências-chave é a mediação.

A abertura do ateliê coincidia com o momento que o Ipiranga seria o palco de ações e atividades com a reabertura do Museu do Ipiranga e o bicentenário da independência. Contudo, o ateliê funcionava em uma casa comum, uma casa de bairro, longe dos espaços de arte de São Paulo. O Ipiranga do ateliê era de alguém que tinha no bairro outra história, sabia do seu passado operário, de como ele iniciara; essa história sobre o Ipiranga era outro motivo para o projeto ser tocado.

---

[1] Juana Rouco Buela foi uma anarquista sindicalista que viveu na Argentina no século passado, e sua luta foi transnacional, nos anos 1910 quando viveu em diversos países e teve passagem pela cidade do Rio de Janeiro. Seu trabalho foi resgatado recentemente com uma série de documentários e publicação da sua autobiografia: *História de um ideal vivido por uma mulher*.

[2] O Ateliê Folleta ocupou uma casa simples a 600 metros do metrô Sacomã, nas proximidades da Rua Silva Bueno.

Arte & Ensaios
vol. 31, n. 49,
jan.-jun. 2025

Tanto nas atividades expositivas na sala de exposições do ateliê quanto na sala na qual funcionava a biblioteca, a mediação do espaço era feita pela própria artista criadora. Na biblioteca assumia um papel de bibliotecária como promotora de prática educativa e de mediação.

Nos estudos de biblioeducação (Perrotti, 2023; Pieruccini, 2004), a biblioteca transcende a função de lugar de apenas custódia de livros: possui um papel formativo de pessoas, tendo por princípios ativos elementos como autonomia e participação. Duas das características desse campo de atuação são a ordem informacional dialógica e a mediação humana (Pieruccini, 2004). A primeira promove a inter-relação de campos do conhecimento, sob a integração de áreas distintas. Na segunda está o papel da pessoa bibliotecária, que é proporcionar e incentivar a participação coletiva, estabelecer vínculos entre pesquisa e construção de saberes.

O bairro do Ipiranga é lembrado como o lugar do grito da independência do país. Para muitos, a espacialidade do bairro ou mesmo sua vida urbana se limita somente a isso. Essa, porém, é uma visão fragmentada a seu respeito. Atividades sobre o bairro do Ipiranga, em especial quanto a sua parte baixa, zona fabril e casas operárias, visavam promover ações sobre diversas áreas do saber, como a história e as artes visuais, e possibilitavam às pessoas participantes olhar para esse espaço com diversos vestígios históricos, como de mulheres tecelãs grevistas, resquícios que vão muito além do bairro, vinculado a um fato histórico de 200 anos atrás.

Nas atividades, eram rememorados e discutidos documentários, livros e vestígios de greves, como a de 1917. A pesquisa que realizo sobre o bairro era apresentada, moradores traziam suas memórias, falavam de seus pais, irmãos e avós que foram operários, e juntos nos reconhecíamos em um Ipiranga comum a nós. Nesse contexto, a mediação na e com a biblioteca se aproxima da arte-educação.

Ao pensar a prática em biblioteca junto à educação somada às artes visuais, a vinculação com o espaço e seu contexto é um elemento fundante do trabalho feito ao longo de dois anos. O texto discorre sobre a aproximação entre a biblioteca e as artes visuais, tendo na atividade de mediação realizada pela artista o ponto de contato.

A experiência do Ateliê Folleta, mais especificamente das ações na biblioteca do espaço, a Biblioteca Juana Rouco Buela, é olhada em interlocução

com trabalhos de outras artistas que atuam com, em e sobre as bibliotecas. Para desenvolver o artigo, ofereceram embasamento as pesquisas dos professores Edmir Pierrotti e Ivete Pieruccini, da Escola de Comunicações e Artes da USP, e da artista multimídia e professora Clare Qualmann, da University of East London.

## Mediação como a base do vínculo

A biblioteca existe para a comunidade (Melot, 2019) e ela não é mero repositório de livros. Ela é um organismo em crescimento (Raganathan, 1931) e, por ser um espaço vivo, pode e deve assumir um papel ativo na formação das pessoas de diversas gerações. A biblioteca é importante na formação de crianças e adolescentes, contudo as pessoas passam por outras fases da vida, e, para a formação de adultos, a biblioteca tem papel seminal (Fonseca, 1962).

A função ordinária da pessoa bibliotecária é fazer escolhas comprometidas, responder por essas escolhas, além de pensar o espaço e, nele, a circulação (Melot, 2019). As bibliotecas permitem muitas formas de estar nelas. Há buscas individuais de conhecimento, atividades culturais compartilhadas como leituras e saraus, por exemplo.

Os livros são organizados em sistemas de classificação e catalogação que possibilitam a pessoas de outra localidade ou país se entender no espaço e em sua organização. As bibliotecas são um espaço de diversos usos, características e funções, que podem ser permeados pela negociação simbólica, na qual pessoas interagem ativamente com a informação e constroem significados colaborativamente.

A pessoa artista na biblioteca pode estar nela de diferentes formas, uma delas é a da mediação – atividade essencial que se vincula ao cotidiano, ao propósito de estar na biblioteca e se encontrar com as demais pessoas.

Clare Qualmann (2017), artista e professora britânica, trabalhou por oito anos em uma biblioteca em Londres, e isso deixou marcas profundas em sua maneira de olhar o mundo e conduzir seu trabalho de arte e sua prática docente e de pesquisadora. Ela conta que o ritual cotidiano de organização e manutenção do espaço da biblioteca de que ela participava a levou a explorar noções sobre o dia a dia de forma mais ampla e lhe deu a capacidade de fazer coisas repetitivas, construir e costurar. “A estética da biblioteca inclui a organização, a criação de

Arte & Ensaios
vol. 31, n. 49,
jan.-jun. 2025

taxonomias e estruturas para as coleções e a repetição delas a serviço de um projeto”[3] (p. 14).

No caso da sala em que funcionava a Biblioteca Juana Rouco Buela, a organização se dava por meio de dispositivos como prateleiras, estantes e mesas postas, após um estudo espacial que realizei com consultoria da arquiteta Dandara Luigi. Para alguns trabalhos foram criadas formas especiais de os acondicionar, como um dos livros de Katia Fieira que contou com uma prateleira (1,90 × 0,10m).

A organização dos livros foi estruturada em catalogação convencional, já os zines e cartazes foram estudados em conjuntos e distribuídos de forma temática ou por tamanho. Para publicações muito frágeis foram construídos dispositivos de acomodação, como foi feito para os zines feministas e os livros de artistas de autoras feministas. A iluminação também era elemento primordial, possibilitando a leitura e o encontro para ler e conversar.

Figura 1
Aspecto da biblioteca
(Foto Dani León)

[3] Nessa e nas demais citações em idiomas estrangeiros, a tradução é nossa. No original: *The library aesthetic includes organization, the creation of taxonomies and structures for collections, and the repetition of these in the service of a project*.

Arte & Ensaios
vol. 31, n. 49,
jan.-jun. 2025

A ativação do espaço acontecia com as visitas, ora espontâneas, quando a casa estava aberta à visitação, ora em atividades temáticas. Em 8 de março de 2023, houve debate, lançamento de vídeo e conversa sobre livros e feminismos. O grande mote do espaço foram os feminismos latino-americanos; por isso, publicações de coletivos e projetos como Vivas nos Queremos e Estampa Feminista ocuparam o centro simbólico de visita e perambulação pelo espaço.

Figura 2
Parte externa com cartazes dos projetos Vivas nos Queremos e Estampa Feminista (Foto: Dani León)

A mediação estimula a interpretação, a crítica e a construção conjunta, conforme a concebe Ivete Pieruccini (2004), para quem o trabalho do bibliotecário deve ir além de intermediador de acesso a informações – ele é um mediador e formador educativo que pode auxiliar na autonomia, apropriação e construção de conhecimento; também pode estimular o debate, a participação da vizinhança e de pessoas de outros bairros, a ampliação de pesquisas e a construção coletiva de novas propostas imaginativas.

Arte & Ensaios
vol. 31, n. 49,
jan.-jun. 2025

Ao se encarar o acesso aos impressos e publicações latino-americanas feministas como fonte de informações cruciais para a formação de pessoas das mais diversas áreas de conhecimento, o espaço vai muito além de um abrigo de materiais; ele constitui proposta de estar no mundo, um organizador ativo desses materiais. A mediação e as atividades que aconteciam na Biblioteca Juana Rouco Buela se relacionam com os estudos de biblioeducação e arte-educação.

A mediação apresentada por Pieruccini aproxima-se da abordagem sociocultural da arte-educação que considera o contexto social e cultural na aprendizagem, enfatizando a interação social e a influência da cultura na construção do conhecimento. A educação é vista como um processo de transformação social e de participação de pessoas diversas. A arte-educadora Nathalia Nichols (2019) afirma ser a prática educativa uma eminência coletiva que não deve ser ignorada na ação educativa, devendo antes ser presença:

> É compreender as ações educativas como processos de transformação que se arriscam na crença da diversidade como construção da diferença, com respeito à multiplicidade de vozes, corpos, histórias e saberes. É atuar em estado permanente de cocriação (Nichols, 2019, p. 22).

As ações no interior da Biblioteca Juana Rouco não eram voltadas somente para artistas; havia um fluxo de visitantes da região, historiadores, professores universitários, agentes sociais e comunitários de rádios e projetos autônomos que visitavam o espaço. As ações aconteciam no âmbito da experiência, nos termos de Jorge Larossa (2002). A experiência, nesse contexto, é tudo que nos toca e nos passa pelos sentidos; que opera lentamente na memória, sendo fundamental para conectar passado e presente. Na construção da experiência, é importante ter abertura e atenção, favorecendo um aprendizado significativo. Cada experiência envolve sujeitos que a vivenciam, gerando um saber que emerge dessa vivência. Essa abordagem enfatiza a singularidade de cada experiência e o potencial educativo contido em cada interação.

Assim, momentos de leitura coletiva como a do livro *A mulher é uma degenerada*, de Maria Lacerda de Moura, ou eventos temáticos, ou caminhadas pela história do bairro foram construídos como processos de experiência. Os artistas oferecem uma visão complexa sobre o funcionamento das bibliotecas, a sua importância e a sua estética particular[4] (Qualmann, 2017, p. 12).

---

[4] No original: *artists reveal these rich complexities of the library seeks to contribute to the argument for their essential status*.

Arte & Ensaios
vol. 31, n. 49,
jan.-jun. 2025

Em sua pesquisa, a professora Clare Qualmann (2017) cita o trabalho de Ruth Beale (2015) *The library of future societies*, realizado no marco das eleições gerais do Reino Unido, nas quais houve forte avanço conservador. Beale apresentou uma coleção de livros emprestados pelas bibliotecas públicas de Londres e os reexibiu em um espaço pensado por ela. Na nova biblioteca havia romances utópicos e distópicos, uma tentativa de olhar para o futuro das sociedades, o espaço comum, a construção democrática com base no passado recente e no presente. Os livros conviviam com desenhos, trabalhos impressos em serigrafia, esculturas, sacos de feijão.

Figura 3
Aspecto do trabalho de Ruth Beale (Fonte: https://ruthbeale.net/exhibition/the-library-of-future-societies/)

No âmbito dos 200 anos da independência do Brasil, o espaço expositivo do Ateliê Folleta e a Biblioteca Juana Rouco promoveram atividades de discussão de documentários históricos,[5] leituras e visitas aos vestígios das antigas fábricas do início da industrialização de São Paulo, as casas operárias e o passado de resistência operária. O propósito era fazer um contraponto ao que saberes hegemônicos tentam implementar no bairro: um lugar patriótico e que existe para e com os marcos oficiais da independência do Brasil.

[5] O cinejornal *Ypiranga* (1922, domínio público) de Armando Pamplona, por exemplo, foi reeditado para as atividades.

Arte & Ensaios
vol. 31, n. 49,
jan.-jun. 2025

No processo, percebi que as atividades na sala em que ficava a biblioteca eram mais aconchegantes e as pessoas permaneciam lá por longo tempo. Ali conheciam novos livros e buscavam fazer conexões com suas vivências. O conceito de biblioteca, com sua forma de ser e proposta, passou a se espalhar pela casa e por todos os seus cômodos.

Figura 4
No canto da Biblioteca Juana Rouco Buela, a atividade O feminismo que eu vivo (Foto: Dani León)

Há uma proximidade entre bibliotecas e artistas. Segundo Clare Qualmann (2017), por meio de processos simbólicos e de conexões de novas justaposições e ideias, artistas e bibliotecas facilitam o antes impensável. A biblioteca pode ser um portal, uma plataforma de possibilidades transformadoras.

Ao longo do percurso do projeto, a biblioteca tornou-se o lugar do experimento, tanto para falar de livros quanto para dar aula de livros e orientações, como também o lugar para livros e relações se fundirem, tornando o ateliê inteiro uma biblioteca. Essa experiência me fez perceber que minha prática artística só existe na e com a biblioteca, e é a informação publicada a matéria-prima do meu trabalho e a base das minhas relações artísticas, sociais, culturais e afetivas. A biblioteca é um lugar de e para com as artes visuais, e existem outras pessoas praticando essa ideia também.

Arte & Ensaios
vol. 31, n. 49,
jan.-jun. 2025

## Biblioteca como exposição e intervenção

Há uma longa tradição de a biblioteca se relacionar com o campo expositivo. A artista estadunidense Martha Rosler realizou itinerâncias de sua biblioteca pessoal de sete mil volumes ao longo de 2005 a 2008. A exposição funciona como biblioteca real e utilizável. A primeira das exposições foi como sala de leitura em Nova York, no espaço e-flux,[6] depois disso viajou para sete cidades na Europa e nos Estados Unidos. Os livros de Rosler – que não podiam ser emprestados, embora fosse possível os fotocopiar no local – incluem obras de história da arte, poesia, viagens, ficção científica, mistérios, literatura para crianças, teoria política e social, e no acervo em exibição também havia álbuns de fotografias, cartazes, postais, revistas, dicionários, mapas e recortes de jornais.

Figura 5
Aspecto do projeto de Martha Rosler (Fonte: https://www.martharosler.net/martha-rosler-library)

[6] A plataforma e-flux foi criada por artistas em 1999 e se dedica a produção editorial, apresentação de projetos artísticos, simpósios, exposições, apresentações de música experimental e criação transmídia. Há, ademais, uma publicação periódica, uma série regular de podcast e uma página virtual com artigos, informações sobre atividades e diversos materiais nas áreas de arte, arquitetura, cinema e história da arte (Fonte: https://www.e-flux.com, acessado em 20 maio 2025).

Arte & Ensaios
vol. 31, n. 49,
jan.-jun. 2025

O projeto de Rosler tem íntimo vínculo com a cidadania ativa (Qualmann, 2017), pois, ao tornar públicos esses materiais, Rosler apaga as fronteiras entre público e privado, doméstico e político (Filipovic, 2007; Rosler, 1991).

As artistas brasileiras Mariana Guimarães e Simone Moraes realizaram no Parque Lage, sob a curadoria de Tanja Baudoin, o projeto Biblioteca Estufa, que visava catalogar livros escritos ou organizados por mulheres nas dez mil obras da biblioteca. O número encontrado não chegou nem a 10% do acervo – apenas 636 livros. Após a catalogação, as artistas realizaram diversas atividades no entorno, como a coleta de 636 sementes na floresta do Parque Lage e a promoção de uma ação coletiva de seu lançamento na Mata Atlântica, plantando uma semente para cada uma das mulheres autoras ou organizadoras dessas obras.

Figura 6
Aspecto do trabalho de Mariana Guimarães e Simone Moraes no Parque Lage (Fonte: site das artistas)

## Coleções de livros que trabalham com, em e sobre as bibliotecas na universidade

Além do simbólico e importante projeto de Mariana e Simone, que traz a desigualdade de publicações entre homens e mulheres, há diversas iniciativas no Brasil sobre e com bibliotecas no âmbito da pesquisa universitária feita por docentes. As professoras Regina Melim e Raquel Stolf realizaram a sala de escuta/sala de leitura na biblioteca da Udesc com atividades de artistas, leituras, exposições. Na Unicamp, a biblioteca de Obras Raras (Bora) promove exposições e atividades, além de ter uma coleção de livros de artista, criada pela professora Luise Weiss. A portentosa coleção de livros de artista da UFMG é fruto da pesquisa incansável do artista e professor Amir Brito Cadôr. Essas práticas acadêmicas são generosas e promovem o conhecimento de livros e publicações de diversos artistas, bem como contribuem para se entender coletivamente a prática de coleção de livros e suas ações correlatas.

As coleções pensadas por Cadôr e Weiss comportam trabalhos de artistas brasileiros e de outras localidades cuja base poética e acadêmica é o livro de artista. Há artistas que pensam trabalhos para ou com a biblioteca como parte da poética. A estudiosa Adriana Penido (2020) usa a expressão Biblioteca de Artista para pesquisar trabalhos de diversos artistas, como *Missing Names* (2013), de Patricia Osses, *Flying Books: Homenaje a Borges* (2012), de Christian Boltanski, por exemplo.

Penido (2020) afirma que, desde 1990, há um movimento crescente de trabalhos de artistas visuais que têm biblioteca como tema. O conceito de biblioteca de artista (p. 203)

> descreve obras produzidas por artistas a partir de ou no espaço de uma biblioteca. Utilizando-se dos mais diferentes suportes, muitas dessas obras são descritas como instalação, fotografia, livro de artista, pintura, desenho, vídeo e outras mídias conhecidas. A biblioteca passou a ser também um território de subversão, imaginação e poetização na contemporaneidade" (p. 203).

Outros pesquisadores se utilizam da expressão biblioteca de artista tanto das artes visuais quanto da biblioteconomia, como, por exemplo, o Projeto Biblioteca como Incubadora, criado por Erinn Batykefer e Laura Damon-Moore

Arte & Ensaios
vol. 31, n. 49,
jan.-jun. 2025

(2020), que destaca as formas como as bibliotecas e os artistas podem trabalhar em conjunto e se empenha para reforçar essas parcerias. O projeto teve início quando ambas as pesquisadoras ainda eram estudantes de biblioteconomia na Universidade de Wisconsin-Madison, nos Estados Unidos, e se perguntaram "Como as bibliotecas se relacionam com os artistas?".

Para responder à pergunta, elas foram atrás de diversos trabalhos e artistas e seguem até hoje respondendo. O projeto se aproxima dos estudos de Clare Qualmann (2017) e sua busca como professora, artista e pesquisadora das bibliotecas. Assim, como os pesquisadores estadunidenses, Qualmann também realizou, em 2011, seminários com vários protagonistas sociais sobre bibliotecas.

Há uma relação social entre pessoas e bibliotecas (Qualmann, 2017), a biblioteca é um lugar público em que ser consumido não deve ser a questão. Ela resgata em nós e como nossa contribuição a liberdade e a construção coletiva na diversidade. As pessoas a buscam por motivos específicos ou por vontade de estar lá. Ela, porém, é uma proposta de ação democrática e de trabalho coletivo. A presença do artista na biblioteca é um encontro com os métodos de organização, com o campo da mediação e com a presença coletiva de compartilhar a vida.

## Mediação como trabalho e prática artística

Diversas formas de atuar e produzir na biblioteca existem para artistas e para trabalhos de artistas. Exemplos e pesquisas foram trazidos para que se possa perceber que há um crescente interesse na busca de intersecções entre as áreas de estudos das artes visuais e da biblioteconomia. As pesquisas percebem a urgência de olhar a biblioteca e seus simbolismos, e há complementariedade entre elas: todas tecem uma vontade de trazer a diversidade das bibliotecas em primeiro plano, e isso está em comunhão com as ações educativas em artes visuais.

> Produzir mais diferença significa ir na contramão da homogeneização dos corpos e das existências. E, em igual importância, significa a produção de formas. Quem convive com a diferença toma consciência de seu inacabamento. Quem toma consciência de seu inacabamento, toma forma, e deseja a vida, não a extinção, do outro (Zacca, 2019, p. 30).

Em um momento de avanço do fundamentalismo como prática totalitária que pretende dar respostas únicas para viver e estar no mundo, com o endosso do capitalismo informacional, a reação a isso é a diversidade, a pluralidade, unidas à cidadania ativa e às práticas cotidianas e comunitárias. A biblioteca é o lugar público, plural e vivo por excelência, e sua existência é seminal para se imaginar um futuro para todas as pessoas e com todas elas. A presença humana em suas diversas facetas é essencial para a realização de um projeto de vida e na vida individual e coletivamente.

## Conclusão

A intenção do texto foi colocar a prática artística como atividade mediadora no que tange à experiência realizada na Biblioteca Juana Rouco Buela, parte integrante do Ateliê Folleta, que existiu entre 2022 e 2024. A ideia foi trazer o relato de uma experiência que construiu e transformou uma biblioteca como cerne de uma pesquisa em arte.

A mediação aqui posta se relaciona com o espaço da biblioteca, a educação e as lógicas de interlocução social, cultural e comunicativa. O papel de quem faz a mediação aproxima-se ao da pessoa bibliotecária, passando pela intermediação de atividades, ações de caminhada e leituras. Todas as atividades do projeto foram feitas com pessoas adultas.

A mediação nos estudos de biblioeducação, bem como das artes visuais, é uma ação de alargamento da cidadania, construída coletivamente, e tem o campo da cultura como seu lugar. Segundo Perrotti e Pieruccini (2014, p. 10-11),

> a mediação cultural não se constitui meramente como jogo de saberes especiais ou especializados em vista de um fim determinado que lhe é exterior [...] a mediação não é somente um ato "funcional" ou de âmbito restrito; é também discurso, ato de produção de sentidos que se realiza no campo amplo e dinâmico da cultura.

Assim, a tarefa de mediação nas bibliotecas, combinando as áreas de artes visuais e de biblioteconomia, intenta contribuir para a formação da consciência histórica, social e estética de pessoas de diversas gerações. A tarefa promove não só o conhecimento, a troca de saberes, a leitura de livros, o encontro com as imagens e a possibilidade de estar em um espaço aconchegante, como também instaura um pacto poderoso de convivência, de respeito às diferenças, e de processos imaginativos de um futuro coletivamente construído.

Arte & Ensaios
vol. 31, n. 49,
jan.-jun. 2025

**Fernanda Grigolin Moraes** *é artista, pesquisadora e professora. Mestra e doutora em artes Visuais — Unicamp. Atua em estudos da mediação cultural e feminismos. Pesquisadora no PPGLetra - FFLCH-USP.*

## Referências

BATYKEFER, Erinn; DAMON-MOORE, Laura. *Incubating creativity at your library: a sourcebook for connecting with communities*. Chicago: ALA Editions, 2020.

BEALE, Ruth. The library of future societies, 2015.

FILIPOVIC, Elena. If you read here... Martha Rosler's library. *Afterall*, v. 15, issue 57, London, Spring/Summer 2007.

FONSECA, Edson Nery da. Importância da biblioteca nos programas de alfabetização e educação de base. *Revista do Serviço Público*, v. 94, n. 3, p. 99-108, 1962. Disponível em: https://doi.org/10.21874/rsp.v0i3.3003.

LAROSSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20-28, 2002.

MELOT, Michel. *A sabedoria do bibliotecário*. Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Ateliê editorial e edições Sesc, 2019.

NICHOLS, Natália. Prática educativa é uma ação eminentemente coletiva. In: PUCU, Izabela; NICHOLS, Natália; ZACA, Rafael (orgs.). *Dispositivos artístico-pedagógicos*. Rio de Janeiro: Instituto Odeon, 2019.

PENIDO, Adriana. Biblioteca de artista: uma outra possibilidade. *Revista Estado da Arte*, Uberlândia, v. 1, n. 2, p. 203-215, jul.-dez. 2020.

PERROTTI, Edmir. Biblioeducação: do fragmentado ao orgânico. *Divulga-CI*, Porto Velho, v. 1, n. 7, set. 2023. Disponível em: https://www.divulgaci.labci.online/wp-content/uploads/2023/09/PERSPECTIVA-EDMIR-PERROTTI.pdf. Acesso em 20 out. 2024.

PERROTTI, Edmir; PIERUCCINI, Ivete. A mediação cultural como categoria autônoma. *Informação & Informação*, Londrina, v. 19, n. 2, p. 1-22, maio-ago. 2014.

PIERUCCINI, Ivete. *A ordem informacional dialógica: estudo sobre a busca de informação em educação*. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em: https://doi.org/10.11606/T.27.2004.tde-14032005-144512. Acesso em 27 jan. 2025.

QUALMANN, Clare. The artist in the library. *Performance Research*, v. 22, n. 1, p. 12-24, 2017.

RANGANATHAN, Shiyali. *The five laws of library science*. Madras: Madras Library Association, 1931. Disponível em: http://hdl.handle.net/10150/105454. Acesso em 7 jun. 2024.

ROSLER, Martha. *If you lived here: the city in art, theory and social activism*. New York: New Press, 1991.

ZACCA, Rafael. A produção da diferença: arte-educação e democracia. In: PUCU, Izabela; NICHOLS, Natália; ZACA, Rafael (orgs.). *Dispositivos artístico-pedagógicos*. Rio de Janeiro: Instituto Odeon, 2019.

Artigo submetido em março de 2025 e aprovado em maio de 2025.

Como citar:
MORAES, Fernanda Grigolin. O lugar dos vínculos: a biblioteca como espaço da mediação em arte. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 31, n. 49, p. 163-178, jan.-jun. 2025. ISSN-2448-3338. DOI: https:// doi.org/10.60001/ ae.n49.9. Disponível em: http://revistas.ufrj.br/index.php/ae